

QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: REPRESENTAÇÃO CULTURAL NO POVOADO PIAÇAVA-NAZARÉ/TO

*Lavina Pereira da Silva*¹
*Rejane Cleide Medeiros de Almeida*²
*Carina Alves Torres*³

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo abordar a representação cultural das quebradeiras de coco babaçu do povoado Piaçava/Nazaré-TO, através das narrativas e do contexto histórico que permeia essa prática cultural na região. O fato observado é que o povoado Piaçava possui um grupo de mulheres que perpetuam essa cultura nos dias atuais, através da prática de coleta e produção de azeite e carvão. Parto da perspectiva qualitativa e método da história oral de vida através de narrativas e fatos históricos que demarcam o território dos babaçuais e mudanças ambientais do município de Nazaré. As quebradeiras de coco babaçu possuem representatividade nítida de resistência nessa região, pois cultuam essa prática nos dias atuais, se organizando politicamente e movimentando um pequeno comércio com vendas de carvão e azeite.

PALAVRAS-CHAVE: Coco babaçu. Mulheres. resistência.

GALLETAS DE COCO BASSU: REPRESENTACIÓN CULTURAL EN EL PUEBLO PIAÇAVA-NAZARÉ/TO

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo abordar la representación cultural de las quebradoras de coco de babasú de Piaçava/Nazaré-TO, a través de las narrativas y el contexto histórico que impregna esta práctica cultural en la región. El hecho observado es que la aldea de Piaçava cuenta con un grupo de mujeres que hoy perpetúan esta cultura, a través de la práctica de recolectar y producir aceite de oliva y carbón vegetal. Parto de la perspectiva cualitativa y método de la historia oral de vida a través de relatos y hechos históricos que delimitan el territorio babasú y los cambios ambientales en el municipio de Nazaré. Los quebradores de cocos de babasú tienen una clara representación de resistencia en esta región, ya que hoy veneran esta práctica, organizándose políticamente y moviendo un pequeño comercio con la venta de carbón vegetal y aceite de oliva.

PALABRAS CLAVE: coco babasú. Mujer. Resistencia.

¹ Mestranda em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) pela Universidade Federal do Norte do estado do Tocantins-UFNT. E-mail: lavinasilva131@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-1944-2469>

² Docente do curso de Educação do campo: Artes e Música, e do Programa de estudos em Cultura e Território (PPGCULT) pela Universidade Federal do Norte do estado do Tocantins- UFNT. E-mail: rejmedeiros@mail.uft.edu.br. <https://orcid.org/0000-0002-4054-0402>

³ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: carinatorres123alves@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-9646-1930>

1. INTRODUÇÃO

A região do bico do papagaio⁴ do estado do Tocantins é caracterizada pela exuberância de babaçuais e presença do cerrado com representatividade nesses territórios. Nessa região resistem e residem as quebradeiras de coco babaçu, principalmente nos territórios rurais, indígenas e quilombolas, perpetuando essa cultura através das gerações familiares.

Com o advento do agronegócio e da pecuária houve um número representativo de derrubada dos babaçuais, o que vem impactando essa prática cultural na região, pois é notório que as mulheres lutam e resistem para manter essa paisagem, principalmente o público que reside à zona rural.

O município de Nazaré está localizado na região do bico do papagaio do Tocantins, fazendo limites com as cidades: Tocantinópolis-To, Santa Terezinha-To, Angico-To, Aguiarnópolis-To e Luzinópolis-To, essa cidade possui a paisagem caracterizada pelo cerrado e por babaçuais. A região é conhecida pela agropecuária e pela representatividade das quebradeiras de coco babaçu, pois historicamente as pessoas sobreviviam do extrativismo e venda do fruto do babaçu. Em vários povoados desse município as pessoas perpetuam essa cultura, com destaque ao povoado Piaçava, que é referência nessas atividades, com a presença significativa de mulheres quebradeiras de coco babaçu: “as quebradeiras de coco babaçu fazem parte de um movimento social feminino que combina consciência ecológica, saberes vivenciados pela prática e detenção da autonomia da produção, formando uma identidade coletiva.” (HAGINO, 2007, p. 02).

Apesar das mudanças culturais no modo de conceber a prática, é notório que as mulheres ainda perpetuam essa cultura pelo viés do consumo familiar e produção de azeite e pequeno comércio. É perceptível a visão ecológica que as mulheres possuem do meio territorial em que estão inseridas, por meio de práticas que preservam o meio ambiente e a autonomia produtiva através do coco babaçu, que vem se estabelecendo ao longo do contexto histórico de Piaçava.

Culturalmente são as mulheres que desenvolvem essa prática na região, apesar de existirem relatos de que em décadas anteriores uma pequena parcela de homens auxiliava nessa atividade, através do trabalho coletivo familiar. São perceptíveis as relações machistas que se estendem nas interações sociais dessa região, pois as mulheres são inferiorizadas e estigmatizadas em diversas ocasiões, desde a entrada no território, como no processo de coleta do fruto, até o extrativismo. Historicamente nossa sociedade é estruturada pelas esferas patriarcais, que se perpetua através das relações de poder:

⁴ Por ter formato de bico de papagaio no mapa.

O patriarcalismo, sociedade do poder masculino, do império dos pais, assentada em relações paternalistas, de filhotismo e apadrinhamento, sociedade das parentelas, ia sendo modificada por um processo que é visto como de desvirilização, de declínio de um modelo de masculinidade, período de confusão entre as fronteiras de gêneros, em que as mulheres precisam assumir lugares antes reservados aos homens. (ALBUQUERQUE; 2013, p. 130)

Nas sociedades rurais são perceptíveis os traços patriarcais sendo reproduzidos nos berços familiares, políticos, educacionais e religiosos, pois os espaços ocupados pelas mulheres são limitados pelas estruturas sociais. Os territórios dos babaçuais são de posses, principalmente, de fazendeiros e pequenos agricultores, o que já começa a delinear relações de poder e machistas, nesse sentido as quebradeiras de coco babaçu, sofrem diversos tipos de violências simbólicas e físicas ao longo de sua trajetória de resistência cultural:

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/ baixo, masculino/ feminino, branco/ negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim, naturalizadas, de que seu ser social é produto. (BOURDIEU, 1999, p. 47).

São perceptíveis as diversas violências simbólicas que as mulheres sofrem ao longo de sua vida, como no berço familiar, meio político e social. No contexto das mulheres quebradeiras de coco babaçu essa relação é marcada pela negação territorial, pois o viés capitalista considera a preservação das palmeiras de babaçu atraso para o desenvolvimento agropecuário e pecuário na região. Nesse sentido, as mulheres que resistem a essas intervenções são representadas pelo atraso econômico para a região, através do movimento de resistência em cultivar essas práticas nos dias atuais.

Hall (2016, p. 21) cita que [...] “nós damos significados a objetos, pessoas e eventos por meio de paradigmas de interpretação que levamos a eles”, contextualizando com as mulheres quebradeiras de coco babaçu, é evidente que elas dão significados ao território através da coleta do fruto do babaçu, histórias e rituais a partir dessa prática, esse movimento é permeado pelo simbolismo e por representações. Shalins (1997) ressalta sobre a história:

A história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática. (SHALINS, 1997, p. 07).

As mulheres quebradeiras de coco babaçu criam e dão significados as histórias que são passadas de geração em geração, pois são cultuados modos culturais como: a utilização da palha da palmeira do babaçu para cobertura de casas, fabricação de cofos, abanos e esteiras. É comum a construção de casas com a palha dessa palmeira, principalmente casas de farinhas⁵, casas utilizadas para estratificação do próprio babaçu e para guardar ferramentas utilizadas para tal e também as de uso geral na agricultura familiar.

Na realização desse estudo, sigo os caminhos da pesquisa qualitativa com o método da história oral de vida. Faço referência à (MYNAIO, 1994, p. 21), no qual cita: “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares”, ou seja, os fenômenos sociais não podem ser quantificados, já que as ciências sociais se preocupam com as realidades sociais a partir das interações e transformações sociais:

Narrativas mistas: a maioria das pessoas contam a própria história mesclando várias soluções narrativas. Tanto a tragédia como o humor acentuados, muitas vezes conjugam-se com factualismo sentido épico e trágico. O esforço em se pontuar a vida como um tipo de heroísmo cotidiano leva as pessoas a se autoprojetarem como síntese da vida coletiva. (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 121).

As narrativas mistas são eficazes para entender as mulheres quebradeiras de coco babaçu, pois são várias as histórias protagonizadas por elas nessa região. Na construção desse artigo realizei conversas com duas quebradeiras de coco babaçu do povoado Piaçava que narraram suas trajetórias de vida a partir da cultura do coco babaçu.

2. CONTEXTO HISTÓRICO E TERRITORIAL DO POVOADO PIAÇAVA

O povoado Piaçava possui uma população de aproximadamente 500 habitantes, segundo os dados da secretaria municipal de saúde de Nazaré (2021), com uma população negra em evidência e classe social baixa. Essa população sobrevive principalmente dos programas sociais, meio previdenciário e pequeno comércio.

O povoado, em sua origem, se compôs por pessoas vindas principalmente dos estados do Maranhão e Piauí. No decorrer das décadas de 1950 e 1960 formou-se uma pequena vila chamada de Araguaçu. Após alguns anos os moradores chamaram o lugar de Piaçava, devido à existência de uma palmeira do coco piaçava na nascente do principal ribeirão que abastecia a população naquela época. Inclusive, este é chamado de ribeirão da Piaçava.

⁵ Local que é fabricada a farinha de mandioca.

Uma das características dessa região é a representatividade dos babaçuais, apesar das significativas e/ou bruscas mudanças ambientais que ocorreram ao longo das décadas nessa paisagem, o que vem impactando na preservação dessa palmeira. Nas décadas de 60, 70 e meados dos anos 80, do século XX, a floresta dessa região sofreu pequenos impactos ambientais, em relação às décadas posteriores, uma vez que se praticava apenas a agricultura familiar, utilizando a prática da roça de toco⁶. Porém, com o advento da pecuária a partir de meados dos anos 80 e a chegada da motosserra na região, houve alteração repentina dessa paisagem, com a devastação dos babaçuais e dificultando o trabalho das mulheres quebradeiras de coco babaçu e de outras comunidades tradicionais.

O babaçu foi, por muitas décadas, a principal fonte econômica das famílias desse povoado, onde faziam uso das palhas de palmeiras na construção de casas, banheiros e privadas, além de confeccionar esteiras, abanos, cofos e artesanatos. Do fruto do babaçu era produzido azeite, óleo, leite, bolos e doces, complementando a alimentação das pessoas do povoado. É importante destacar que, nos dias atuais, as pessoas não fazem uso recorrente do fruto na culinária como antigamente, pois surgiram os óleos de soja, oliva e milho no mercado, demonstrando mudanças nos hábitos alimentares. Outro fator que levou à diminuição do consumo do azeite é a escassez e/ou diminuição dos babaçuais e as mudanças dos modos culturais culinários. O fruto do babaçu é um dos signos de representação dessa população, pois história e memória dessa cultura se faz presente no cotidiano do povoado:

Assim como as pessoas que pertencem a mesma cultura compartilham um mapa conceitual relativamente parecido, elas também devem compartilhar uma maneira semelhante de interpretar os signos de uma linguagem, pois só assim os sentidos serão efetivamente intercambiados entre os sujeitos. (HALL, 2016, p. 38).

No povoado Piaçava os traços culturais compartilhados entre as pessoas são permeados através das relações de trabalho, esporte, festa, religião e culinária. Nesse sentido, o babaçu representa simbolismo e resistência cultural nesta comunidade, uma vez que as histórias e narrativas que versam sobre esta população é marcada pela prática cultural de estratificação do babaçu.

No mapa abaixo fica explícito a representação territorial do povoado Piaçava:

⁶ É uma das práticas culturais que é permeada pelo viés tradicional sem utilização de venenos, pesticidas ou maquinário.

Mapa 1: Parte do território do povoado Piaçava

Fonte: (Maps, google, 2021)

Através da representação, fica nítida a presença da pecuária, uma vez que as pastagens ocupam um elevado percentual do território, ficando assim o mínimo para a floresta.

É importante destacar o movimento de luta e resistência das mulheres trabalhadoras rurais frente a essa política hegemônica capitalista e patriarcal, onde o movimento de luta vem se destacando a partir dos anos 80 em várias partes do mundo, sendo um despertar das mulheres nas lutas sociais e políticas frente aos seus direitos, como destaca Sales (2007). Na realidade das mulheres quebradeiras de coco babaçu do bico do papagaio, se destaca a militância de dona Raimunda, liderança feminina que lutou em defesa dos direitos das mulheres trabalhadoras rurais. Foi uma das precursoras do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), fundado em 1991. Ela faleceu no ano de 2018, deixando seu legado de luta e resistência.

A análise do território dos babaçuais na região do bico do papagaio é pautada através das discontinuidades e temporalidades, como cita Saquet (2009), ou seja, várias mudanças vêm ocorrendo ao longo das décadas, desde o desmatamento dos babaçuais ao crescimento de empreendimentos próximos do território, com destaque para plantações de eucalipto, milho e soja. Saquet (2009) destaca: “o caráter material e imaterial do território e da territorialidade requer, evidentemente, uma abordagem que reconheça a unidade entre essas dimensões ou entre as dimensões da economia-política-cultura-natureza (E-P-C-N).” (SAQUET, 2009, p.74).

O território de Piaçava é analisado através das dimensões políticas, econômicas e culturais, em que é marcado pelas intervenções capitalistas na natureza ao longo das décadas, sendo um dos traços que se destaca nas relações territoriais da região MATOPIBA, citado anteriormente.

3. AS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU

A trajetória de luta das mulheres quebradeiras de coco babaçu é marcada pelo movimento de resistência e perpetuação dessa cultura através das gerações:

As mulheres quebradeiras de coco são reconhecidas entre os povos e comunidades tradicionais, categoria sociocultural e política que conquistou reconhecimento jurídico-legal após anos de luta e mobilização de suas organizações representativas, culminando na instituição da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), em 2007. (CARVALHO; MACEDO, 2019, p. 407).

Após anos de lutas, as mulheres quebradeiras de coco babaçu foram reconhecidas juridicamente como comunidades tradicionais. Partindo dessa contextualização, situo a trajetória de luta e resistência das mulheres da região do bico do papagaio do Tocantins, especificamente as mulheres do povoado Piaçava, localizado no município de Nazaré.

O município de Nazaré possui uma associação das quebradeiras de coco babaçu. Porém, por questões burocráticas, esta ainda não está legalizada. Em 2019, o Senar⁷ realizou um curso de empreendedorismo em que incentivou as mulheres a empreender através do coco babaçu. Com isso, as quebradeiras de coco entenderam a importância de se organizarem politicamente nos debates acerca dessa prática cultural, pois cada comunidade desenvolvia esse trabalho nos berços familiares, como narra uma das interlocutoras dessa pesquisa⁸.

Desde criança quebro coco babaçu, para o sustento da minha família, antigamente todo mundo desse povoado vivia desse trabalho e de plantar roças. Aprendi cedo, tirar azeite de coco e fazer carvão, tirar o leite pra comer nas carnes de tatu, cotia, veado, peba, outras caças e também na carne de ovelha, bode, galinha e pato. Da palmeira se aproveita muita coisa, pois a palha serve de coberturas das casas. Hoje em dia quebro coco pra tirar azeite, onde ajuda no meu sustento. (MARIA, 05/01/2022).

No relato da interlocutora Maria, fica claro sua relação com o coco babaçu, demarcando sua infância nessa prática de subsistência familiar. É importante destacar que era comum a população de Piaçava vender o fruto do babaçu para a Tobasa⁹ uma empresa que está localizada a 60 km do povoado, situado na cidade de Tocantinópolis-TO. Em conversa com dona Antônia, ela relatou:

⁷ O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural é uma entidade vinculada a Confederação Nacional de Agricultura que tem como objetivo organizar, administrar e executar, em todo território nacional, a Formação Profissional Rural e a Promoção Social de jovens e adultos que exerçam atividades no meio rural.

⁸ Pesquisa em andamento de mestrado.

⁹ "Bioindústria e Sustentabilidade": Projeto pioneiro e inovador, localizado na Amazônia Legal, estado do Tocantins, de "Aproveitamento Integral do Coco de Babaçu", com posicionamento estratégico nos mercados de energias renováveis e

Aprendi a quebrar coco com meus pais, nessa região todo mundo quebrava, fazia mutirões, fazia azeite, carvão, comida com o azeite, óleo e leite do coco, tempero, peixe, caça do mato, com leite, a comida fica deliciosa. Antigamente fazia muito bolo, farinha e mingau, alimentei meus filhos com o babaçu e o milho. Até hoje faço comidas com babaçu, de vez em quando preparo bolo com o leite de coco e preparo caça do mato, arroz com azeite fica muito bom. O arroz misturado com feijão, com fava ou com abobora fica bom mesmo é com azeite de coco. Já fiz até doce com o coco ralado depois que tirava o leite para fazer caças, todos gostaram. (ANTÔNIA, 05/01/2022).

Dona Antônia especifica que cresceu se alimentando do fruto do babaçu, temperando as comidas com azeite, óleo e leite, além de preparar bolos e doces. Criou os filhos quebrando coco babaçu, fazendo esteiras, abanos e cofos, pois no decorrer das décadas de 1950 a 1990 era comum que pessoas sentassem e até dormissem em esteiras feitas da palha do babaçu. É notável que dona Antônia narrou com entusiasmo sobre a cultura do babaçu especificando a culinária e o artesanato. Destacou que, antes da aposentadoria, vendia azeite de coco na região e em feiras.

Fotografia 1: Na bacia, amêndoa do coco babaçu, no saco de fibra, as cascas



Fonte: (PEREIRA, 2021).

de produtos ecologicamente corretos e sustentáveis, como: óleo, torta proteica, biomassas energéticas, farinhas amiláceas, álcool amiláceo e carvão ativado. Fonte: (<https://www.tobasa.com.br/>) Acesso: 06/01/2022.

Fotografia 2: Azeite de coco babaçu pronto para consumo



Fonte: (PEREIRA, 2021)

A fotografia 1 representa a amêndoa do coco babaçu em uma bacia, no ponto para ser torrada e depois moída para ser cozida com bastante água para que seja extraído o azeite. As cascas, que estão dentro do saco de fibras ao lado da bacia, servem para fazer o carvão que é utilizado no fogo do cozimento dos alimentos. A fotografia 2 demonstra o azeite de coco babaçu pronto para consumo. No decorrer das décadas de 50 a 80 o azeite estava presente em praticamente 100% das casas existente no povoado Piaçava.

Outra característica das quebradeiras de coco era a coletividade dos adjuntos, sendo um dos traços culturais dessas mulheres. De meados dos anos 70 até a década de 90 elas se agrupavam nos coqueirais¹⁰. Ali, com o auxílio dos homens, faziam barracões cobertos de palhas das palmeiras do coco babaçu e neles se acomodavam para se protegerem da chuva e do sol enquanto quebravam coco. Eram comuns adjuntos com cerca de 20 a 30 mulheres. No entanto, na década de 80, aconteceram

¹⁰ Território conhecido popularmente como quintas, onde possuíam representatividade de babaçuais.

adjuntos com mais de 40 quebradeiras, pois se faziam presentes mulheres de várias gerações e de diversas categorias e classes econômicas reunidas na mesma prática. Na ocasião, elas contavam prosas e suas histórias de vida, pois era um momento em que mulheres de várias gerações se reuniam no cotidiano de trabalho. Atualmente, as quebradeiras de coco do povoado Piaçava praticam esse trabalho principalmente nos quintais de suas residências ou em chácaras.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da representatividade das quebradeiras de coco babaçu no povoado Piaçava protagoniza o movimento de luta dessas mulheres na região, com o território caracterizado pelo crescimento da pecuária, soja e eucalipto, ameaçando e devastando a paisagem de babaçuais. Essa prática cultural vem passando por várias mudanças ao longo das décadas, pois, com o advento dos programas sociais como o Bolsa Família¹¹, algumas famílias deixaram de ter renda econômica através da venda da amêndoa do babaçu, fazendo uso dela apenas na alimentação. Nos dias atuais, algumas famílias realizam a coleta do fruto para vender para a Tobasa, prática comum no povoado, enquanto outro grupo de mulheres quebra o coco babaçu para o extrativismo, como meio econômico nas vendas dos azeites e consumo familiar.

Após o surgimento da associação, as mulheres começaram a empreender e debater politicamente sobre sua posição de resistência no município de Nazaré, pois a derrubada de palmeiras é uma realidade que vem crescendo ao longo das décadas e impactando nessa atividade cultural, econômica e de resistência.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. **Nordestino**: invenção do “falo”: uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2013.

CARVALHO, Andressa Veras de; MACEDO, João Paulo. As guerreiras do babaçu: Mulheres quebradeiras de coco em movimento. **Estudos e Pesquisas em Psicologia** (Online), v. 19, p. 406-426, 2019.

¹¹O Programa Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda com condicionalidades (compromissos) para famílias extremamente pobres ou pobres superarem a pobreza. Transferência de renda é uma ação que busca garantir a melhora de vida das famílias, transferindo benefícios financeiros de forma direta às pessoas, ou seja, repassando uma quantia em dinheiro para as famílias beneficiárias.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HAGINO, C. H. Quebradeiras de coco babaçu: identidade, conflito sócio-ambiental e subsistência. In: **ANPOCS**. Caxambu. 31º Encontro anual da ANPOCS, 2007.

MEIHY, José Carlos e RIBEIRO, Suzana. **Guia Prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MYNAIO, Cecília de Souza et al. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ONU MULHERES BRASIL. Disponível em: /www.onumulheres.org.br. Acesso: 05 jan. 2022.

SAQUET, Aurélio, Marcos; SPOSITO, Savério Eliseu; **Territórios e Territorialidades**: Teorias Processos e conflitos. 1.ed.-- São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009.

SALES, Celecina de Maria Veras. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. **Revista de Estudos Feministas**, maio/ago. Florianópolis, 2007.

Data de submissão: 16/02/2023

Data de aprovação: 12/05/2023